

## REFERÊNCIA:

VOLPI, SANDRA MARA. **Ludoterapia**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

=====

## LUDOTERAPIA REICHIANA

**Sandra Mara Volpi**

Que atitude dos pais e dos cuidadores pode ser considerada uma das mais preciosas para o desenvolvimento saudável da vida emocional de uma criança?

Em linhas gerais, pode-se resumir em: permitir à criança ser, nada mais, nada menos que criança, e por sê-lo, deixá-la brincar.

Já dizia Reich (1987) que os adultos não precisam fazer esforços homéricos para tornar uma criança saudável. A criança é saudável sem que ninguém faça nada; assim ela nasce. O que os adultos devem fazer é deixá-la livre para se desenvolver, não impedindo, com suas atitudes ditas educativas, que cresça segundo as leis de seu organismo, de sua inata capacidade de auto-regulação.

Mas o que temos feito com nossas crianças? Será que elas têm tido garantias ao seu direito de brincar, por exemplo?

No Brasil, quantas e quantas crianças são arrancadas da infância pela necessidade do trabalho?

E se não trabalham, quantas são atiradas em frente à famosa babá eletrônica – a televisão – pela falta de disponibilidade dos pais, ou porque eles próprios precisam trabalhar horas a fio para garantir o sustento da casa, ou porque não estão emocionalmente presentes, ainda que o estejam fisicamente?

Brincar é a elaboração mais precisa que uma criança pode fazer sobre a realidade que a cerca. Não brincar, neste sentido, é alienar-se em relação ao entorno.

O brinquedo é, por excelência, o meio de auto-expressão da criança. Tem para ela o mesmo sentido que a palavra tem para o adulto.

A criança gosta de brinquedos simples, que facilitem a projeção de suas fantasias, e que a ajudem a elaborar situações traumáticas.

Brincando, a criança repete tanto situações prazerosas quanto conflituosas e é, através do ato de brincar, que traduz e elabora os conflitos de sua vida emocional.

Segundo a psicanalista Arminda Aberastury (1992), a criança sempre está buscando no brinquedo a resolução para o sentimento de angústia pela perda da mãe, sentimento este vivido à medida em que se torna independente, na consciência da separação, no desmame, no andar.

Na repetição das brincadeiras, a criança encontra segurança. Pelo brinquedo, desenvolve-se emocional, social e cognitivamente.

Antes do quarto mês de vida, as atividades da criança centram-se no contato com a figura materna, que já é reconhecida tanto como objeto de amor quanto de rejeição. A partir da consciência dessa ambivalência, a criança volta-se para o mundo externo à célula narcísica que formou com a mãe. E, ao se voltar para esse mundo ao seu redor, a criança inaugura a atividade lúdica em sua vida. Nessa época, seu nível de desenvolvimento motor permite uma maior atividade na sua experimentação do mundo. A primeira atividade lúdica da criança é o brincar de esconder, que corresponde a olhar para o rosto de um adulto e em seguida não o ver mais, quando é recoberto propositadamente pelas mãos. Reencontrar o rosto perdido é, para a criança, um prazer indescritível. Com isso, ela começa a elaborar a angústia de separação, recém ocorrida na relação com a mãe. O corpo participa ativamente dessa brincadeira. A criança brinca com as pessoas à sua volta e também com seu próprio corpo, que emite sons outrora “escondidos”. Surge o primeiro brinquedo – o chocalho – com o qual a criança repete a experiência sonora que vem travando com o mundo. Este brinquedo, assim como muitos outros que virão na seqüência, representa a mãe. Como resultado dos experimentos com este primeiro brinquedo, a criança cria uma nova atividade

lúdica, que se traduz em jogar o chocalho e outros objetos no chão, experimentando a perda e a recuperação do que ama, o que é sucessivamente repetido.

Já na segunda metade do primeiro ano, a criança interessa-se por objetos que possam ser penetrados por outros objetos, como num anúncio da forma adulta de manifestar amor, em termos de união e separação.

Com uma motilidade cada vez mais apurada, a criança movimenta-se e explora o ambiente. Logo vem o andar, e com isso, o afastar-se e aproximar-se voluntariamente das pessoas e dos objetos.

Inicia-se o processo de controle dos esfíncteres e a criança passa a se interessar por brinquedos moldáveis, como terra e areia misturadas à água. Com isso, constrói suas primeiras teorias a respeito do nascimento dos bebês, e seu interesse se volta para os brinquedos que representam o ventre fecundo (tambores, bolas, balões).

Bonecas e animais são então a corporificação dos filhos imaginários. Começa aí a aprendizagem da maternidade e da paternidade. Esses “filhos” sofrem gratificações e frustrações de seus pequeninos pais.

O controle dos esfíncteres se torna cada vez mais próximo e, então, a criança também se interessa por brinquedos com os quais possa derramar substâncias de um lugar para outro.

Até este momento, que se dá por volta dos três anos de idade, a vida mental da criança foi ocupada por imagens que aparecem e desaparecem. Mas nesse ponto, ela descobre um jeito de reter as imagens: o desenho. O foco de atenção continua sendo o corpo. A casa, que simboliza o corpo, é objeto central nas paisagens que desenha. As imagens também podem ser retidas pelas figuras que estão contidas nos livros. Brincar com estas imagens e pedir que o adulto repita diversas vezes a mesma história, mostrando-lhe cada vez todas as figuras é comum nessa fase.

Chegando à fase fálica, a criança se interessa de modo crescente por brincadeiras em que possa experimentar a sua sexualidade (casinha, médico). Meninos e meninas começam a demonstrar interesses diferentes. Os meninos gostam de atividades de ação e mistério, vestem-se de super-heróis. Já as meninas brincam com as bonecas, alimentando-as, vestindo-as e ensinando-as coisas diversas, além de receber amiguinhas e juntas tomarem chá. A imitação dos pais é comum nessa fase.

Após os cinco anos, o mundo do conhecimento é o foco de atenção da criança. Ela já explorou o mundo a seu redor e agora chegou a hora de explorar letras e números. As brincadeiras combinam-se com as aptidões intelectuais e com a sorte. Jogos de regra (ludo, loto, baralho, jogo da velha, damas), que incitam à competição, tornam-se os favoritos. Tais jogos facilitam a entrada e o enfrentamento da criança no mundo adulto.

A partir dos sete, oito anos, o corpo volta a ter papel fundamental. A criança brinca de correr, jogar, esconder-se. Esta última atividade já carrega conteúdos genitais evidentes. É hora de separar-se dos brinquedos da infância.

Aos dez ou onze anos – na puberdade – as atividades em grupo e as experiências amorosas substituem os brinquedos e brincadeiras.

A ludoterapia é, nas instâncias do desenvolvimento, uma técnica psicoterápica de abordagem da criança através do brinquedo extremamente importante. Pode ser aplicada no âmbito de qualquer teoria da psicologia, desde que essa parta do princípio da existência do inconsciente, o que levará à compreensão de que o brinquedo é um símbolo e não um objeto em si mesmo.

Sob a visão reichiana, a ludoterapia busca a relação do brinquedo com o corpo. Tomando como pressuposto que o corpo representa o inconsciente e compreendendo que o brinquedo é um símbolo do corpo, é através desse instrumento que se chega às questões a serem elaboradas, reconhecendo-se e prevenindo-se a neurose, a couraça. O brinquedo está associado, portanto, ao desenvolvimento da criança e por isso é visto como um representante da tensão corporal a ser abordada no momento do desenvolvimento a ser trabalhado.

O brinquedo, na psicoterapia, é facilitador da entrada do terapeuta no mundo da criança. Atua tanto ao nível de diagnóstico quanto de intervenção no processo terapêutico. É um

objeto intermediário (conceito winnicottiano) na relação entre a mãe e a criança e nele serão projetados os conflitos dessa relação.

Na ludoterapia, a interpretação e a intervenção se dão sobre o brinquedo e o brincar. Sobre o brinquedo, enfocando-se o seu significado e a que momento do desenvolvimento remete; sobre o brincar, enfocando-se como a criança brinca.

Assim, os processos psíquico e corporal estão sendo considerados e as defesas do ego são fortalecidas ou desarmadas. A criança apropria-se do seu brincar, do seu corpo, do seu desenvolvimento.

## ***REFERÊNCIAS***

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milano: SugarCo, 1987.